

SEMANA 07 – ANÁLISE – REDAÇÃO FUVEST NOTA MÁXIMA

TEMA FUVEST 2018 - DEVEM EXISTIR LIMITES PARA A ARTE?

Ai Weiwei é um dos artistas chineses mais engajados na luta contra as violações aos direitos humanos cometidos por seu país. Na obra, *Forever Bicycles*, veem-se bicicletas empilhadas que criam uma sensação de imobilidade, transformando este signo de liberdade em símbolo de opressão. Desta forma, o grito do designer e ativista natural de Pequim – tão expressivo como um quadro de Munch - atrai críticos de revistas especializadas, inspira teses de doutorado na academia, atrai multidões pelas galerias por onde passa. Mas as atrocidades cometidas pela China não cessam nem diminuem. Isso não significa que sua expressão seja de todo inútil. Ao tornar-se uma voz dissidente, o artista inaugura um espaço de descontentamento porque invoca a natureza rebelde que habita em todo ser humano instigando-lhe à reflexão. Desta forma, a arte inicia um combate à cultura da ignorância por meio do debate.

É justamente por este caráter revolucionário que a verdadeira manifestação artística nunca é imediatamente assimilada pelo público em geral. Quando Marcel Duchamp propôs a *ready-made art* para denunciar a decadência das academias e a desconstrução dos modelos estéticos ditados pela elite da época em face ao terror da Primeira Guerra Mundial, sua obra foi rejeitada na Mostra de Arte Moderna. Tratava-se do início de uma arte conceitual, inaugurando de certo modo a Escola de Nova York, que se apoiaria no que Sócrates chamaria de *Poiésis* em seu *stricto sensu*. O termo se refere à habilidade de a arte conferir um cosmos ao caos. Nesse sentido, não pode haver nenhuma censura na medida em que para esse novo mundo exige a destruição de padrões do passado. O artista seria uma espécie de príncipe, que precisa estar além do bem e do mal para exercer seu papel criador. Essa postura é o que lhe permite fazer das canetas e dos pincéis bisturis que dissecam os sentimentos e as ideias profundas que pairam na sociedade e que ainda não tomaram forma.

Quando o banco Santander foi obrigado a suspender a mostra *Queermuseu* por causa de facções religiosas que se sentiam ofendidas pelas obras, ficou claro como a ignorância da cultura reage às reflexões da arte. Em uma sociedade em que a diversidade sexual aparentemente se tornou um discurso do *status quo*, a cosmologia de sua forma tenta ser coibida por setores sociais que não conseguem encontrar uma forma de conciliar a tradição com as novidades do mundo pós-moderno. A imagem do Cristo com vários braços, pintada por um pintor gaúcho, foi um dos pivôs do ataque velado a gays, lésbicas e transgenders.

Portanto, qualquer tentativa de limitar a expressão deve ser combatida para que a cultura da morte, patrocinada pelo poder instituído, não suprima a bela arte da vida, que é sempre volátil, flexível e veloz, como uma bicicleta que bamboleia nos caminhos tortuosos de um parque qualquer sob o comando de uma criança.